
Introdução

Alienígenas: Uma presença milenar no planeta Terra

Na noite de 02 de julho de 1947 algo muito especial ocorreu. No céu do Novo México, nos Estados Unidos, não muito longe de uma pequena cidade chamada Roswell, um objeto voador controlado por criaturas detentoras de uma tecnologia que aos nossos olhos ainda hoje parece magia, se envolveriam de maneira direta com os destinos de nossa humanidade. Pela primeira vez na nossa história, a raça humana estaria definitivamente frente a frente a uma realidade que, apesar de acompanhá-la desde os primórdios de sua presença no planeta, sempre havia estado longe de sua compreensão, envolta nas limitações de nossas próprias percepções dos fatos.

A queda daquele objeto e seu posterior recolhimento com a tripulação vitimada, realizado poucos dias depois por militares do Exército da Nação mais poderosa do planeta, marcaria definitivamente nossa história, independente de nossa humanidade ter consciência do que passou a acontecer. De maneira surpreendente, mas compreensível, já que não havia uma política para tratar do assunto, após a confirmação da natureza extraterrestre do que havia sido recolhido, o comando da base militar local – o 509º Esquadrão de Bombardeiros do Exército Norte-Americano –, a única na época a possuir ogivas nucleares em seu arsenal, chegou a confirmar, através de uma nota oficial, que haviam realmente recolhido um disco voador. Tal realidade, que

correu o mundo de maneira imediata, poucas horas depois era desmentida, já com o início do processo de acobertamento. O assunto passaria a ser tratado como o maior segredo de todos os tempos.

Hoje, 60 anos depois desse fato, quando estou iniciando o projeto de meu sexto livro, tenho total consciência do quanto devemos aos pioneiros que nos antecederam em todas as partes do planeta. Estes pesquisadores, depois de perceberem, de maneira definitiva, que realmente estávamos diante de algo real e inquestionável, começaram a buscar, mediante um aprofundamento de suas investigações, uma compreensão do que estava acontecendo, permitindo o surgimento das primeiras teorias explicativas, que já traziam a noção de uma possível interação daquelas civilizações com o nosso passado misterioso, e mesmo a nossa origem.

Não tenho como deixar de citar, neste momento especial, nomes como o da professora Irene Granchi, general Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa e Fernando Cleto Nunes Pereira, que tanto me inspiraram nos primórdios de minha atuação na Ufologia e continuam a ser exemplos a serem seguidos. Também não poderia deixar de ressaltar o nome do amigo Reginaldo de Athayde e do hoje já saudoso Húlvio Brand Aleixo, que experimentaram tudo aquilo que os mentores do acobertamento militar e governamental fizeram questão de semear, tendo como objetivo afastar a população do planeta da verdade e de seus direitos de saber o que realmente estava acontecendo. Essa nossa jornada em busca de nossa “cidadania cósmica”, do direito que temos de saber que não estamos sozinhos neste universo, e mais do que isso, que a maior prova da existência de outras civilizações avançadas em outros pontos do universo possa ser nossa própria presença no planeta, começou muito tempo antes. Essas questões estão intimamente relacionadas à nossa própria compreensão da natureza desse mesmo universo.

Quantos foram obrigados a renegar a verdade sobre nossa real posição dentro desse cosmos? Alguns chegaram a ser queimados vivos por levarem às últimas conseqüências essa busca pela verdade. Há mais de 400 anos Giordano Bruno foi queimado pela “Santa Inquisição” para que a verdade sobre a pluralidade dos mundos habitados fosse mantida longe da humanidade. Mas o que, de fato, temiam aquelas mentes insanas na verdade? Apesar dos tempos serem outros, a base de todo esse processo continua exatamente a ser a mesma: a perda do poder dos que manipulam a humanidade a partir da ignorância, e através dela, mantém o homem longe de uma verdade, que reconhecidamente mudaria a face do planeta e os destinos de nossa existência.

Antes de começarmos a revelar o envolvimento de nossas autoridades militares com o assunto é necessário que analisemos num amplo sentido os fatos que determinaram o início do acobertamento, e, em seguida, a realidade atual, que faz com que a verdade sobre a presença dos UFOs continue sendo mantida longe dos nossos olhos. É provável que todo este processo de manipulação da realidade tenha começado “simplesmente” porque o governo dos Estados Unidos não sabia com o que estava lidando. Estaríamos diante de uma única civilização? Seria esta positiva ou negativa em relação à nossa humanidade? E se estivéssemos diante de várias civilizações com interesses diferenciados? Se a resposta para essa última questão fosse positiva, as dificuldades a enfrentar seriam ainda mais complexas. Falar a verdade sobre a existência de algo que não se conhecia, evidentemente, seria uma irresponsabilidade, e naqueles dias isso poderia gerar realmente a tal situação de perplexidade, com desdobramentos imprevisíveis.

Tenho hoje a clara percepção que se os estudos sobre presença dos UFOs, iniciados nos Estados Unidos e nas principais nações, tivessem revelado que estávamos diante “apenas” de um processo de aproximação com alguma civilização extraterrestre, interessada na manutenção de um contato em “termos oficiosos”, talvez estaríamos vivendo uma outra realidade. Imaginar que o governo dos EUA, e seus principais parceiros, ainda continuam sem saber com que estão lidando é, em minha modesta opinião, um exercício de ingenuidade. Foram as respostas progressivamente surgidas para as questões mais relevantes, passando pela percepção da existência de uma interação direta de parcela do Fenômeno UFO com à nossa humanidade, cujo início se perde em nosso passado mais remoto, associada ao que está acontecendo em nosso dia a dia, em cada ponto do planeta, que aqui não precisamos abordar, que levou à manutenção do sigilo.

Paralelamente não foi difícil perceber que o estudo do fenômeno e das naves acidentadas abria um campo para o desenvolvimento de tecnologias e de uma ciência capaz de levar qualquer nação a um estado de supremacia planetária inquestionável. A partir da queda da nave em Roswell, o governo dos Estados Unidos, que já havia despontado com o fim da Segunda Guerra Mundial como uma liderança planetária, percebeu, é claro, o que tinha em mãos. Surgiu, a partir disso, uma interação direta entre áreas desse governo e o complexo militar industrial do país, na busca da tecnologia extraterrestre.

O passo seguinte foi o estabelecimento de uma política externa para manter outras nações sob controle. Com o passar do tempo, o governo dos Estados Unidos passou a prestar uma assessoria no trato da questão ufológica. Países como o Brasil repassavam informações sobre casos específicos, principalmente sobre aqueles que envolviam suas forças militares. Uma farta documentação, que chegava a envolver fitas que documentavam as aparições dos UFOs detectados por nossos radares, segundo nossas fontes, deixava o Brasil rumo àquele país. Em troca deste “intercâmbio”, recebíamos a tal assessoria, que tinha na verdade o objetivo de manter sob controle externo nossas atividades de pesquisa, monitoramento e sigilo em relação à presença destes objetos.

Durante o regime militar, periodicamente, militares brasileiros chegaram a ter acesso, quando em solo norte-americano, em meio a outras atividades conjuntas desenvolvidas pelas forças armadas dos dois países, a documentos, inclusive visuais [*Filmes*], registrando as evoluções de formações de discos voadores, até mesmo sobre a capital norte-americana. Mas o assunto queda de naves e os estudos sobre a busca da tecnologia extraterrestre não faziam parte deste suposto intercâmbio.

Em alguns poucos momentos da história de nossa Ufologia Militar a Força Aérea Brasileira (FAB), e mesmo a Marinha, provocadas pelos próprios fatos relacionados a presença dos UFOs, chegaram a ter uma atitude de independência em casos que serão aprofundados em alguns capítulos deste livro. Infelizmente não podemos falar a mesma coisa do Exército, que, como sabemos, acabou por se envolver diretamente com a queda de um disco voador e o recolhimento não só do que sobrou da nave, como também de seus tripulantes, fato que passou a ser conhecido como o Caso Varginha, também amplamente debatido nesta obra. A primeira questão que temos que ter em mente para entendermos na prática o acobertamento em nosso país é o nível de soberania que a nação, ou o governo constituído – eleito pelo voto popular –, possui para desenvolver uma política realmente própria e que, progressivamente, revele ao seu povo o que de fato está acontecendo. A resposta para essa questão muito provavelmente foi dada através dos resultados da primeira etapa da campanha UFOs, *Liberdade de Informação Já*.

A partir da campanha que começou a ser formatada no início de março de 2004, num encontro entre mim, o editor da Revista UFO, A. J. Gevaerd, e alguns amigos em Conservatória (RJ), e que logo em seguida foi absorvida pela

Leased Wire Associated Press

Roswell Daily Record

RECORD PHONES Business Office 2288 News Department 2287

NO. 10 PAVEMENT ST. ROSWELL, N.M. 88469

NOVEMBER 10, 1947

RAAF Captures Flying Saucer On Ranch in Roswell Region

Claims Army Is Slacking Courts Martial Indiana Senator Lays Protest Before Parliament

House Passes Tax Slash by Large Margin Security Council Paves Way to Talks On Arms Reductions

No Details of Flying Disk Are Revealed Roswell Hardware Man and Wife Report Disk Seen

Ex-King Carol Weds Mme. Lupescu

Lovies as Usual

GRAND HOTEL

Some of Soviet Satellites May Attend Paris Meeting

Aliens Have Ringing Opinions on Flying Saucers

Miners and Operators Sign Highest Wage Pact in History

American League

Arquivos do autor

Capa do jornal Roswell Daily Record, de 08 de julho de 1947, dando em destaque a queda e o recolhimento de um disco voador pelos militares da então Força Aérea do Exército dos Estados Unidos, atual Força Aérea Norte-Americana (USAF). O mundo seria acordado para um novo fenômeno e que iria, no futuro, mudar seus destinos

Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU), começamos uma fase de pressão definitiva contra o acobertamento em nosso país. Pouco a pouco, com a adesão de expressiva parcela da comunidade ufológica nacional e a participação da mídia não especializada, acabamos por ser convidados para o, hoje já famoso e histórico, encontro com os militares em Brasília. Esse acontecimento, sem paralelo na história da Ufologia Mundial, permitiu que os membros da CBU, capitaneados pelo editor da UFO, fossem recebidos no I Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (Cindacta I), no Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (Comdabra) e Ministério da Defesa, onde tiveram a oportunidade de conversar abertamente sobre os UFOs, saber de detalhes relacionados ao nosso sistema de defesa aeroespacial e, por fim, ver documentos sigilosos sobre a presença desses objetos no espaço aéreo brasileiro.

Ao sermos recebidos fomos informados pelo brigadeiro Telles Ribeiro que o próprio comandante da Aeronáutica, brigadeiro-do-ar Luís Carlos da Silva Bueno, havia dado ordens para que *“todas as portas fossem abertas”*. Na

ocasião, nossas autoridades receberam o que passou a ser conhecido como *Manifesto da Ufologia Brasileira*, onde três vias do documento foram entregues. Uma endereçada ao próprio Comandante da Aeronáutica, outra ao ministro da Defesa, na época senhor José Alencar, e a última para ser encaminhada ao presidente da República, Luis Inácio Lula da Silva, hoje reeleito. Como já foi amplamente divulgado pela Revista UFO, tal documento solicitava o estabelecimento de “*um programa oficial de conhecimento, informação, pesquisa e respectiva divulgação pública do assunto, de forma a esclarecer à população brasileira a respeito da inegável e cada vez mais crescente presença extraterrena na Terra*”.

O documento solicitava ainda a abertura imediata dos arquivos confidenciais relativos à chamada Operação Prato, o projeto secreto de investigação ufológica realizado por membros do I Comando Aéreo Regional (COMAR I), na Amazônia, sobre a onda ufológica de maio de 1996, já mencionada, e por fim sobre o Caso Varginha. Apesar de nosso encontro ter sido com autoridades da Aeronáutica, a inclusão do Caso Varginha não seria um problema, pois duas das cópias do referido documento tinham como destinatários, como acabamos de revelar, o ministro da Defesa e ao próprio presidente. Na oportunidade tivemos a confirmação do brigadeiro Telles Ribeiro, de que todas as autoridades receberiam o material em poucos dias. Como já foi amplamente divulgado, até o momento em que escrevo estas linhas, estamos ainda esperando por uma resposta. Ao que parece, as autoridades envolvidas resolveram simplesmente ignorar o documento.

Há pouco mais de um ano, fui convidado para proferir palestras para um grupo de militares da Marinha, que promovem conferências sobre vários temas, onde a Ufologia e outros assuntos paralelos passariam a ter um destaque especial. Minha primeira conferência foi, inclusive, sobre os casos brasileiros, que envolveram nossas Forças Armadas. A partir daquele primeiro contato foi sendo criado um laço não só de amizade, como também de confiança. Os líderes desse grupo de militares, além de participarem de alguns de meus próprios eventos, chegaram a apoiar minha iniciativa de buscar um mandato parlamentar, com o objetivo de interferir na política de acobertamento, levada à frente na eleição passada.

A mais alta patente desse grupo, um almirante, chegou a se pronunciar publicamente a respeito do posterior silêncio de nossas autoridades. Tal fato aconteceu ao final de minha última palestra, em setembro de 2006. Além de falar mais uma vez a favor da importância de minha luta pessoal e dos mem-

bros da *Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)* a favor do fim do acobertamento ufológico, e do que já conseguimos, insinuou a real existência de uma espécie de acordo para manter as coisas “sobre controle”, tendo como base o governo da maior potência militar e econômica do planeta.

Tenho orgulho de fazer parte de um grupo que foi responsável por expressiva parcela do que foi realizado e conseguido dentro da Ufologia em nosso país. Conseguimos coisas que muitos sequer sonharam serem possíveis, e esse talvez seja o grande diferencial. Minha resposta pessoal ao silêncio de nossos interlocutores de Brasília é este livro. Mais um passo de minha luta pessoal para tentar mostrar a verdade. Uma realidade que mais cedo ou mais tarde será capaz de modificar totalmente nossa visão sobre nossa posição no universo, e a partir disto, transformar este planeta e nossa civilização em algo que realmente faça sentido.

— **Marco Antonio Petit,**
Rio de Janeiro, junho de 2007



“ Domínio, poder, glória, ignorância, soberba e medo de parte da humanidade conspiram contra a boa intenção e esforços dos irmãos de outras moradas cósmicas voltados para o nosso crescimento. A realidade da existência de vida em outros orbes e a presença de irmãos extraterrestres nos chega via intuição, pelo exame da lógica e induzida pela crença em um Criador justo e coerente ”

— Comandante Nilson Victorino, capitão de mar e guerra da Marinha brasileira

Capítulo 01

Os surgimento da Ufologia Militar no Brasil

Durante o período em que comecei a atuar mais ativamente dentro do cenário da Ufologia Brasileira, a partir do final da década de 70, existiram várias pessoas marcantes, pioneiras desta disciplina em nosso país, cujos conhecimentos e experiências em suas áreas serviram para que eu tivesse uma idéia mais aprofundada do que acontecia, ou já tinha se verificado em termos reais neste cenário altamente provocativo. Sem querer, evidentemente, desmerecer outros pioneiros, que já citamos na introdução deste livro, gostaria de destacar mais uma vez, agora por questões pessoais, os nomes da professora Irene Granchi, do general Alfredo Moacyr de Mendonça Uchôa e do pesquisador Fernando Cleto Nunes Pereira.

A professora Irene Granchi, pela sua contribuição como investigadora da casuística ufológica nacional, através da qual tive a oportunidade de conhecer vários abduzidos e contatados, alguns de importância fundamental para que eu começasse a desenvolver minha teoria sobre a origem extraterrestre de nossa humanidade. O general Uchôa, pela sua capacidade de apresentar, a partir de suas próprias experiências de contato, uma visão ao mesmo tempo científica e espiritualista da realidade da presença extraterrena, cuja influência em meu trabalho pode ser sentida, além de ter sido declarada em meu livro *UFOs, Espiritualidade e Reencarnação* [Editora do Conhecimento, 2004]. Já Nunes

Pereira foi fundamental como uma espécie de “ponte” para a Ufologia Militar brasileira, entre outros motivos, pelo seu envolvimento com o I Inquérito Confidencial sobre Objetos Aéreos Não Identificados, a resposta da Força Aérea Brasileira (FAB) à grande onda de aparições de UFOs verificada sobre o país em 1954.

Após publicar cinco livros abordando diferentes aspectos da Ufologia, chegou o momento de escrever um trabalho sobre os projetos de pesquisa criados dentro de nossas Forças Armadas para investigar a presença dos objetos voadores não identificados, e sobre os casos que tiveram envolvimento militar em nosso país. Alguns deles, como veremos, aconteceram antes do início da chamada Era Moderna dos Discos Voadores, iniciada em 24 de junho de 1947, com o avistamento de nove objetos voadores não identificados, pelo piloto norte-americano Kenneth Arnold, que sobrevoavam o estado de Washington, nos Estados Unidos. Há mais de meio século nossos militares já tratavam o tema com seriedade e objetividade. Diríamos até com mais coragem que muitos dos que hoje, por necessidade frente os próprios acontecimentos, se defrontam com o assunto.



Discos voadores na Escola Técnica do Exército

Uma das páginas mais importantes do cenário da Ufologia Militar brasileira foi, sem dúvida, a conferência proferida pelo coronel-aviador João Adil de Oliveira, então chefe do Serviço de Informações do Estado-Maior da Aeronáutica, em 02 de novembro de 1954, no auditório da Escola Técnica do Exército, em evento patrocinado pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG). O texto desta conferência, preservado no meio ufológico no livro *As Chaves do Mistério* [Hunos Editorial, 1979], do saudoso João Martins e publicado pelo amigo



Cortesia Lúcia Rodrigues

Na página ao lado, o coronel João Adil de Oliveira, chefe do Serviço de Informações do Estado-Maior da Aeronáutica, em conferência no dia 02 de novembro de 1954. Acima, o contra-almirante Fernando de Almeida Rodrigues [Em pé no carro] durante uma parada militar na cidade de Aracaju (SE), na época em que foi capitão dos portos e saiu várias vezes no comando de missões de salvamento para resgatar náufragos de embarcações torpedeadas pelos submarinos alemães. Segundo os depoimentos recolhidos por Rodrigues, muitos desses náufragos alegavam ter sido ajudados por uma “grande luz vinda do céu”

Átila Martins, no ano em que eu proferia minha primeira conferência pública, em 1979, revela toda a visão e conhecimento do militar sobre o assunto. Ainda em sua introdução, o coronel Adil de Oliveira já revelava sua convicção de que estávamos diante de um fato. *“O problema dos discos voadores tem polarizado a atenção do mundo inteiro. É sério e merece ser tratado como tal. Quase todos os governos das grandes potências se interessam por ele e o tratam com seriedade e reserva, dado seu interesse militar”*, revelava já o militar no início de sua exposição.

Em seguida, alertava que não estava ali para falar de ficção científica, mas para fazer um relato sucinto do que já se sabia no mundo a respeito dos UFOs. Abordou a realidade da presença dos discos no passado remoto e ao longo de nossa história. *“Se andarmos ao arrepio do tempo, poderemos encontrar*

gente vendo discos séculos antes de Cristo e testemunhos de gente absolutamente insuspeita”, declarava Adil de Oliveira. Tratou dos casos mais importantes ocorridos nos Estados Unidos, incluindo a visita de uma formação de UFOs sobre a Washington, a capital norte-americana, cujos registros cinematográficos seriam mostrados posteriormente a militares de vários países, inclusive ao próprio general Uchôa, por ocasião de uma visita àquele país.

A conferência do coronel Adil de Oliveira não foi solicitada e proferida evidentemente por acaso. Algo realmente importante estava acontecendo em nosso país. Estávamos diante de nossa primeira grande onda de aparições de discos voadores. Aqueles artefatos estavam sendo vistos de norte ao sul do país, e alguns casos eram realmente impressionantes e envolviam testemunhas de alta qualificação, incluindo os próprios militares da Aeronáutica, como veremos no segundo capítulo deste livro. Mas, mesmo antes dessa época, vários membros de nossas Forças Armadas já estavam tendo suas próprias experiências de contato. Essas experiências não tiveram qualquer divulgação, e as informações circulavam apenas no interior de certos meios militares, ou eram motivo de conversação somente entre eles. Um desses casos, que tivemos acesso recentemente, envolve o almirante de esquadra Fernando de Almeida Rodrigues, falecido em 1961.

Tomei conhecimento de sua história através de sua filha, a senhora Lúcia Maria Santos Rodrigues, que começou a participar dos eventos que realizamos periodicamente na cidade do Rio de Janeiro. Para minha surpresa, ela havia sido amiga de infância de minha mãe, quando ambas residiram no bairro de Ipanema, nesta mesma cidade. Depois de assistir alguns eventos, Lúcia resolveu me presentear com uma gravação contendo seu relato sobre a história de seu pai, que também não deixa de ser sua, pois ela havia partilhado, pelo menos em dois momentos, tais experiências. A primeira destas teria ocorrido, pelos seus cálculos, em 1938, quando tinha apenas seis anos de idade, e freqüentava à noite, junto com seu pai, a praia de Ipanema, na época deserta.

Objeto voador sobre o mar

Apesar da pouca idade na época, Lúcia se recorda perfeitamente como, em uma dessas oportunidades, pode observar junto com seu pai, um objeto luminoso surgindo do mar, na altura das Ilhas Cagarras. Aquele aparelho flutuou no ar, e em seguida se dirigiu para a praia. Abriu-se uma espécie de

DP-20/06

MARINHA DO BRASIL

FOLHA DE ALTERAÇÕES DE OFICIAIS

Para o Memorando de Es-
Da Máquinas de Es-
crever nesta postagem

| | | | | | |
|-------------------------------|------------------|---------------------------------|--|-----------------|----------|
| Navio ou Órgão | | DIRETORIA DO PESSOAL DA MARINHA | | 18 | SEMESTRE |
| Corpo ou Quadro | Posto | Nº de Identificação | | DE 1958... | |
| GA | Contra-Almirante | 20.0224.1 | | | |
| Nome | | | | FL. Nº ... 2... | |
| FERNANDO DE ALMEIDA RODRIGUES | | | | | |

ALTERAÇÕES

TRANSUNTO DE FÉ DE OFÍCIO: extraído da caderneta subsidiária encen- 248
rada em 12-2-1958 e organizado de acordo com as instruções públicas
das no Bol. 6/1958.

I - INGRESSO E COMPROMISSO: 1 - Praça de Aspirante em 23-4-1920,
2,3 xxx.

II - CARRERA E COMISSÕES: 4 - Promovido ao posto de Contra-Almi-
rante em 12-4-1957 (Decreto nº 1754-A, de 29-6-1957), 5 -
Vice-Diretor do Pessoal da Marinha em 5-8-1957 (Decreto nº
1850-A, de 8-7-1957, Bol. 29/1957 letras "BE"), 6,7 xxx.

III - HOSPITALIZAÇÃO E ACIDENTES: 8,9 xxx.

IV - FÉRIAS E LICENÇAS: 10,11 xxx.

V - ELOGIOS E MEDALHAS: 12 xxx. 13 - Medalha Serviços de Guer-
ra com 2 estrelas (Bol. 25/1945), Medalha Militar de Prata
(Bol. 9/1942), Medalha Militar de Ouro (Bol. 8/1951), Meda-
lha Legião do Mérito (U.S.A.), Medalha de 2ª Classe da Arma
da do Chile (R.C.), Medalha Nascimento Ruy Barbosa, Medalha
Militar com passador de Platina (Bol. 42/1957), Medalha Or-
dem Mérito Naval (Bol. 49/1957 letras CC), Medalha Mérito -
Tamandaré (Bol. 49/1957), 14 xxx.

VI - FUNÇÕES E PROCESSOS: 15,16,17 xxx.

VII - CURSOS E TRANSFERÊNCIAS: 18 - Aperfeiçoamento e Especializa-
ção de Máquinas para Oficiais, Curso Preliminar da Escola -
de Guerra Naval, Curso Comando, Curso Superior, 19 xxx.

VIII - CORTAGEM DE TEMPO: 20 - Percebeu terço de campanha nos se-
guintes períodos: de 6 de julho de 1924 a 5 de agosto de -
1924, de 3 de outubro de 1930 a 23 de outubro de 1930, de 9
de julho de 1932 a 14 de outubro de 1932, de 13 de feverei-
ro de 1943 a 10 de março de 1944, de 14 de março de 1944 a
9 de novembro de 1944, de 21 de janeiro de 1945 a 31 de a-
gosto de 1945, 21,22 xxx.

Exibir-se somente
na Diretoria



Rio de Janeiro DE 12 de fevereiro de 1958.

(Local)

Fernando de Almeida Rodrigues
Assinatura do responsável

Consta Lúcia Rodrigues

Página da "caderneta de registro para oficiais" da Diretoria de Pessoal da Marinha, apresentando a ficha do contra-almirante Fernando de Almeida Rodrigues, onde se destacam os elogios e medalhas recebidas, inclusive por sua atuação em defesa da Pátria também no exterior

porta e eles puderam ver sair uma criatura de forma humana, luminosa, que se comunicou através de um processo, que hoje ela sabe ser a telepatia. O militar e sua filha acabaram entrando no objeto. No dia seguinte, Lúcia não se recordava de como havia voltado para casa. Mais tarde, questionada por seu pai sobre esses acontecimentos, ela de início acabou por ficar em silêncio.

Naquela época, segundo suas lembranças, durante as explicações que seu pai dava sobre o firmamento, ele já falava abertamente sobre a existência de naves



Arquivo da editoria revista O Cruzeiro

sobre o controle de outros povos, que podiam ser observadas no céu. Com o passar dos anos seu pai foi transferido para a cidade de Aracaju, em Sergipe, onde ocupou o cargo de capitão dos portos, entre 1942 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial. Foi naquele período que ocorreu sua segunda experiência. O fato aconteceu na Praia de Atalaia, na época também deserta. Durante as noites, seu pai, sempre que havia alguma informação sobre a presença de submarinos alemães, dava ordens para que o único farol existente na região fosse apagado. Em uma dessas noites, aparentemente o mesmo objeto, vindo mais uma vez do mar, se aproximou da posição em que se encontravam, e a mesma criatura luminosa surgiu, comunicando-se novamente com o militar.

No período em que estiveram em Sergipe, várias vezes seu pai chegou a sair no comando de embarcações para resgatar naufragos de embarcações torpedeadas pelos submarinos alemães. Segundo ele militar, eram comuns os relatos feitos sobre o avistamento de *“uma grande luz sobre o mar”*, que de alguma maneira ajudava essas pessoas, até que o socorro chegasse. Havia, aparentemente, pelo relato de Lúcia, uma interação direta entre aquela entidade luminosa e o militar, inclusive no que diz respeito à essas missões de salvamento. Segundo ela, isso tudo foi registrado devidamente por seu pai. Se sua narrativa corresponde a realidade, e não vejo motivos para questionar isto, estaríamos diante de acontecimentos realmente surpreendentes.



Na página ao lado, o repórter João Martins, da extinta *O Cruzeiro*, em sua apresentação aos militares da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG), em 02 de novembro de 1954. Acima, alguns dos oficiais das Forças Armadas presentes neste evento histórico do início da Ufologia Brasileira

Logo após a morte do almirante Rodrigues, em 1961, dois militares estiveram na residência da família, e recolheram toda a documentação que ele ainda possuía em casa. Lúcia ainda guarda certa mágoa relacionada a esse fato. Ele não era um militar “comum”. Tinha sido adido militar no Paraguai e no Chile, e havia inclusive presenciado uma explosão nuclear no estado de Nevada, Estados Unidos, como convidado. Era um homem que guardava “alguns segredos”, e tinha uma visão muito especial da vida e sobre a pluralidade desta no universo. Na véspera de sua morte ele ainda mostrava seu interesse pelo assunto, demonstrando isto para sua filha.

Novos contatos acontecem

Após suas experiências na infância e sua dedicação aos estudos, Lúcia se tornou assistente social com doutorado em saúde mental pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde trabalhou por cer-

ca de 30 anos, publicando inclusive dois livros sobre o assunto. Hoje, já aposentada, sente uma necessidade de divulgar a história de seu pai e suas experiências de infância, que de alguma forma podem estar associadas a novas experiências, que parecem ter tido início no momento em que começou a falar publicamente sobre o assunto, prestando depoimentos nos eventos que eu realizo no Rio de Janeiro.

Não existe qualquer diferença entre as experiências mantidas por civis ou militares com os UFOs e seus tripulantes. A manutenção do sigilo, o acobertamento de tal realidade pela área militar, em vez de preservar a “sanidade” de nossa humanidade, pode acabar, dependendo da evolução dos próprios acontecimentos, se transformando no maior fator de desestabilização de nossa sociedade, frente um contato em nível planetário.

A proposta deste livro é mostrar que nossas Forças Armadas há muito possuem provas definitivas sobre a presença destas naves e suas tripulações, mas existe uma falta de coragem em assumir determinadas responsabilidades, devido justamente as possíveis repercussões de um ato deste tipo. Em minha opinião, entretanto, não existe política mais perigosa do que a manutenção do sigilo em relação ao assunto. Não conheço nenhuma pessoa que tenha entrado em pânico ao saber da verdade sobre a existência do Fenômeno UFO, ou mesmo que tenha tido acesso mediante as pesquisas civis dos processos de interação entre este mesmo fenômeno e nossa humanidade. Pelo contrário, aqueles que reagem violentamente ao se defrontarem com estes objetos, ou mesmo seus tripulantes, normalmente são os menos informados sobre o assunto. Na verdade, existem outros interesses que estão levando os governos das grandes potências a manterem esta política, mesmo já com a noção que um contato em nível planetário possa ser iminente.

Mesmo que o nosso trabalho de denúncia em relação à presença e intervenção de civilizações extraterrestres no planeta não tenha a capacidade de acabar diretamente com o processo de acobertamento, a pesquisa civil sobre este assunto, com a divulgação da realidade sobre a presença dos UFOs e seus tripulantes, de uma maneira ou outra tem contribuído para a conscientização dos fatos.

Cada vez mais pessoas estão cientes desta realidade. Ou seja, mais cedo ou mais tarde, por uma questão simplesmente matemática, a humanidade como um todo saberá desta verdade. Felizmente, o número de

militares dispostos a participar deste processo de esclarecimento é cada vez maior. Este livro deve muito a vários desses homens, e tem a pretensão de ser mais uma contribuição nesta direção. Pretendemos inspirar novos depoimentos, novas revelações sobre a presença destes objetos e suas tripulações. Muitos querem falar e estão buscando oportunidades para isto. Se oficialmente ainda não podem proceder desta maneira, é nosso papel, militantes da Ufologia Civil, propiciar tais oportunidades.